

Assim aquele terreiro comunitário, em manifestações de pura democracia, teria sido assembleia de resoluções em prol do bem comum, decididas pelos homens de respeito, em serviços que todos os vizinhos aprovavam e em que todos participavam animosamente.

Quinta do Carregal — Aboadela — Amarante
Agosto de 1978

MÁRIO DE MORAIS PEIXOTO
Professor primário aposentado

A lenda da Fraga Nédia — Marão

A Fraga Nédia é uma pequena e agreste escarpa rochosa, logo a seguir à ponte da Fraga Nédia sobre o rio Olo, na borda da estrada florestal que vai da Sapinha a Fridão.

O rio Olo nasce nas Lamas de Olo. Ao passar nos Cabris forma a majestosa queda de água, em cujo despenhadeiro as águias fazem, ou faziam, os seus ninhos.

É tão agreste aquele recanto da Fraga Nédia, de margens tão alcantiladas e pedregosas, que corria nos povos das redondezas o seguinte dizer. — No dia em que ali passar uma estrada, está o mundo a chegar ao fim.

A montante da ponte, a mata é muito densa e impenetrável. Há quem julgue aquele pedaço de mata resto da primitiva cobertura florestal do Marão.

A aspereza e o empinado das margens do rio, e a anexa mata espessa e impenetrável, com a fiada rochosa da Fraga Nédia, a que a abertura da estrada cortou um pedaço, são impressionantes, e, sem dúvida, prestam-se à criação da lenda que considerou aquela Fraga como coito do Diabo.

Conheci, quando menino, o Sr. Manuel Alves, afamado pescador à chumbeira e frequentador do rio Olo, que ele conhecia, pode dizer-se, como as suas mãos.



Fig. 1 — Troço da estrada de Sapinha a Fridão com a ponte da Fraga Nédia sobre o rio Olo. Em pano de fundo a mata silvestre talvez primitiva.

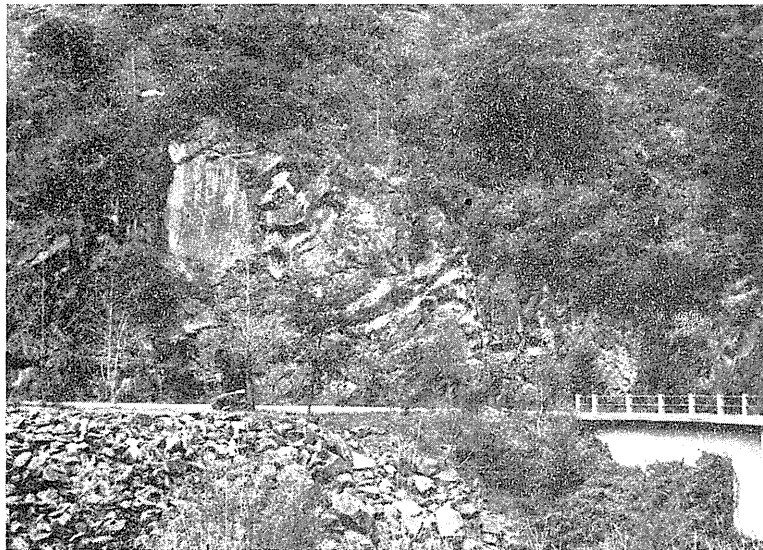


Fig. 2 — Logo à saída da ponte vê-se a escarpa rochosa da Fraga Nédia.

Ora o Sr. Manuel Alves e seu filho José, que hoje tem a linda idade de 85 anos, foram uma noite aos peixes, como tantas vezes acontecia.

Nessa noite, luarenta e sossegada, a pesca começou no Buchal, perto da Fraga Nédia.

Chegados ao local próprio, tirou a chumbeira do saco, ajeitou-a de modo conveniente e lançou-a num poço, com aquela maestria que lhe era peculiar.

Ficou porém, surpreso e admirado quando ouviu, perto e distintamente, o ruído característico, bem conhecido dele, de outra chumbeira que caía na água, em tempo quase simultâneo. Olhou, mas não viu ninguém.

Colheu a chumbeira e chamou o Zé para o ajudar a tirar o peixe da rede. Não foi preciso, pois a chumbeira veio sem nada.

Um pouco desconcertado, pois aquele poço costumava dar sempre peixe, por estar próximo do moinho Rasgado, que sempre deixa cair uns grãoszitos, que o peixe procura sobretudo de noite, seguiu rio acima.

Fez um lança no açude do Jorge. Tudo se passou como no Buchal. O mesmo ruído de chumbeira lançada perto e sem vislumbrar quem a tivesse lançado. Ao colher a rede, nem um peixinho para amostra.

Passou pelo poço do Regado e fez lanços em todos os pontos em que, doutras vezes, fizera abundantes colheitas. Naquela noite nada.

Era o enguiço que o perseguia com o bater na água daquela chumbeira fantástica, que mão misteriosa lançava, e que ele não via, mas cujo baque ele sentia distintamente.

Ao chegar ao poço do Barril, tirou o chapéu, fez o sinal da cruz, levantou os olhos ao céu e disse. — Isto só por arte do diabo!

Ouviu-se um ruído estranho, um leve cheiro a enxofre queimado, e tudo voltou ao silêncio pesado.

O emérito pescador afirmava, convicto, que o diabo saíra da Fraga Nédia e para lá voltara escorraçado pelo esconjuro feito de olhos postos no céu.

Dali até ao Açude do Povo, término da pescaria, passando pelos poços do Tapado, da Ponte e do Boqueiro, todos os lanços deram muito peixe, e graúdo. Encheu o cabaz e ainda uma pequena saca de merenda, onde deitou uma boa dúzia de peixes que não couberam no cabaz.

Na Fraga Nédia, às vezes vêem-se luzes misteriosas, que o povo atribui a almas penadas.

Uma noite, em recuados tempos, apareceram uns clarões, observados por várias pessoas, de tal intensidade que dava a impressão de que a serra estava a arder.

Grande admiração foi, ao outro dia, ao verificarem que a serra conservava a mesma verdura. Do fogo da véspera nada mais restava do que a lembrança daquele grande incêndio fantástico, que aterrara várias pessoas, e cuja natureza era de explicação difícil.

Um meu velho amigo, falecido há pouco, disse-me que por várias vezes observara essas luzes estranhas e misteriosas. Mais me disse que tendo perguntado a um seu velho tio, o Padre das Casarolas, o que era aquilo, este lhe dissera: — Aquilo são *colmeeiros*.

Os *colmeeiros* eram as almas penadas das pessoas que em vida tinham roubado colmeias, para cujo crime não havia perdão.

Após a morte, as almas dessas pessoas, que não tinham lugar nem no céu nem no inferno, ficavam transformadas em fantásticas luzes, vagueando pelo mundo, até à consumação dos séculos.

É de Teixeira de Pascoais, esta referência à Serra do Marão, de que ele foi enamorado. «Num cerro do Marão, estranha luz meus olhos deslumbrou».

Conta-se que, também há muitos anos, certo mocetão, de fole às costas e vara de pau na mão, foi uma noite ao moinho das Figueiras, para moer a fornada como tantas vezes tinha sucedido.

Cerca da meia-noite o mocetão veio cá fora para despejar a bexiga.

Pela encosta da serra deslizava errante uma vultuosa luz, que no seu palor oscilante, magicamente translúcido, dava uma nota de sobrenatural e de mistério.

O mocetão, na sua irreverência juvenil, e na petulância de rapaz valente, gritou a plenos pulmões. — Ó *colmeeiro* anda alumiar-me para eu mijar.

Imediatamente a luz deixou o seu vaguear errante e partiu célere na direcção do atrevido rapaz. Este mal teve tempo de fechar a porta do moinho, e ouviu o som característico duma forte botefata na porta, como se fosse dada por mão de ferro. Nessa noite não voltou a sair cá fora.

Ao outro dia ficou seriamente admirado ao ver na porta, marcada a fogo, a mão que naquela noite tinha batido fortíssima palmada.

Fui ao moinho das Figueiras. A velha porta, arruinada e gasta pelo uso de muitos anos, tinha sido substituída por porta nova.

Com o desaparecimento da velha porta desapareceu o testemunho da tremenda bofetada dada com mão de fogo.

Afirma-se que durante muitos anos muita gente viu a mão estampada a fogo na porta do moinho.

O nome do mancebo valentão perdeu-se no decorrer dos anos.

O moinho lá está.

A história da bofetada de fogo mantém-se na lenda que acabamos de expor, e vai sendo transmitida de pais a filhos.

Quinta do Carregal — Aboadela — Amarante
Agosto de 1978

MÁRIO DE MORAIS PEIXOTO
Professor primário aposentado